

**EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E ESTUDO LEXICOLÓGICO
DE DOIS AUTOS DE PARTILHA DOS SÉCULOS XIX E XX**

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto (UEFS)

nilce11.barreto@gmail.com

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

rcrqueiroz@uol.com.br

1. Introdução

O resgate de documentos antigos é uma atividade realizada há décadas por filólogos. Esse tipo de tarefa é de fundamental importância para o resgate, a preservação da história e da memória cultural de uma dada comunidade linguística.

Em relação a essa preservação do patrimônio cultural, Queiroz (2006, p. 3) diz que

[...] os documentos históricos, traduzidos em patrimônio cultural ou bem cultural, são objetos de interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento humano. No entanto, o documento escrito não é só de interesse da História como também da filologia, da paleografia, da epigrafia, da diplomática, da linguística, da literatura, do direito, da teologia, dentre outras ciências. Sendo assim, é de suma importância a sua preservação e conservação.

2. A filologia e a edição semidiplomática dos autos de partilha

A prática de conservação de documentos manuscritos se solidificou a partir do momento em que estes começaram a sofrer modificações exógenas provocadas pelas ações do tempo. Assim, surgiu a Filologia que, segundo Dubois (1993, p. 278), “[...] é uma ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas nos deixaram: estes nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas.”

Dentro dessa ciência existem vários caminhos que se pode percorrer a fim de salvar os documentos escritos. Dentre os percursos existentes nessa área do conhecimento há os diversos tipos de edição de texto, a saber, a edição crítica, a diplomática, a semidiplomática, a crítico-genética e a interpretativa. No entanto, neste trabalho foi adotada a edição semidiplomática, que é o tipo de edição que procura deixar o texto o mais fiel possível, cujo grau de intervenção feita pelo editor é mediano, ou seja, as

interferências são previamente estabelecidas, as quais permitem que as características linguísticas e ortográficas sejam mantidas.

Baseando-se nesse pressuposto, foram adotados alguns critérios para a edição semidiplomática, como:

- Na descrição, observou-se:
 - 1) Número de colunas;
 - 2) Número de linhas da mancha escrita;
 - 3) Existência de ornamentos;
 - 4) Maiúsculas mais interessantes;
 - 5) Existência de sinais especiais;
 - 6) Número de abreviaturas;
 - 7) Tipo de escrita;
 - 8) Tipo de papel;
 - 9) Data do manuscrito

- Na transcrição:
 - 1) Respeitou-se fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fôlio etc.;
 - 2) Indicou-se o número do fôlio à margem direita;
 - 3) Numerou-se o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fôlio;
 - 4) Separaram-se as palavras unidas e uniram-se as separadas;
 - 5) Desdobraram-se as abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito;
 - 6) Utilizaram-se colchetes para as interpolações.

3. *O corpus*

O corpus deste trabalho é composto por dois autos de partilha, ambos pertencentes à área cível. O primeiro auto relata a partilha feita

entre os membros da família de Lourenço Correia de Miranda, datado de 20 de abril de 1870, com 10 fólhos e pertencente ao acervo de manuscritos e impressos da Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, localizado no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)— BA; o segundo, refere-se aos bens da família do senhor Archimimo Alves de Amorim, datado de 15 de maio de 1900, com dezessete fólhos, constante do acervo do CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa) também localizado na UEFS. Posteriormente à edição semidiplomática foi feito um estudo lexicológico acerca de determinadas lexias do universo rural tendo como base teórica os estudos filológicos, levando-se em consideração o léxico aliado à semântica.

3.1. Descrição dos documentos

O primeiro manuscrito, editado pela graduada do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Angela Maria Souza Cerqueira, faz parte do acervo de manuscritos e impressos da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão. Este acervo é constituído de cartas de alforria, provisões imperiais, relatórios de entidades fei-rensens seculares, declaração de compra e venda, escrituras públicas e folhetos religiosos. Consta no Inventário Analítico da Documentação Histórica do Acervo do Monsenhor Galvão, sob a cota M-IPA-02 e trata-se de um inventário de partilha amigável do distrito da Freguesia de Riachão do Jacuípe, o qual fazia parte da Comarca de Feira de Santana, datado de 20 de abril de 1870. Parece ser um documento original, porém não há qualquer sinal que indique que foi lavrado em cartório.

Escrito em dez fólhos de papel almaço (pautado), presos por um cordão, medindo 330 mm X 214 mm, com 32 linhas, sem numeração, em tinta preta, em letra cursiva, em duas colunas, das quais a mais larga é destinada para o texto e a outra para os valores em números, no reto, à direita, e no verso, à esquerda. Para a delimitação dessas colunas supõe-se que tivessem sido usadas as marcas de margem comuns em papéis desse tipo, mas que agora, devido ao tempo, não estão mais visíveis. Algumas vezes foram utilizados os espaços fora das margens superiores para transporte de valores e das margens inferiores para assinaturas. Foram utilizados nove fólhos no reto e no verso, sendo que o décimo foi utilizado escrito somente em parte do reto.

É um documento simples, sem ornamentos, mas que apresenta, em dois momentos, na abertura do inventário e no auto de partilha, letras em tamanho especial, na primeira linha de cada um dos textos, como destaque aos mesmos.

Era comum à época o uso de abreviaturas nas assinaturas, tais como St^{os} (Santos), Franco ou F^{co} (Francisco), Corr^a (Correia). Estão presentes neste documento 132 abreviaturas, sendo devidamente desdobradas. Há também o uso do *ão* para representar *am*. Foram preservadas as grafias originais, assim como o acento til na letra *o*. Apresenta também algumas rasuras no ato da partilha aos herdeiros quando da divisão das terras da fazenda as palavras “quantia de” estão sobrepostas a “braças por”, assim nos parece. Apesar de ser um documento antigo, este tem caligrafia legível e está em bom estado de conservação. Apresenta algumas perfurações por insetos e poucas rasgaduras no centro, provocadas por uma dobra vertical, ocultando parcialmente algumas palavras: no fôlio 1v, linha 5; fôlio 2v, linha 4; fôlio 9r, linhas 16 e 17; fôlio 9v, linhas 15 e 16 e fôlio 10r, linhas 10 a 15 o que, porém, não comprometem a legibilidade do manuscrito.

O segundo documento, editado pela autora deste artigo, faz parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC), também localizado na UEFS. Este acervo é constituído de autos de defloramento, autos de partilha e desquites. Consta no CEDOC, sob a cota: Estante 03, Caixa 65 e Documento 753 e trata-se de um inventário de partilha amigável do distrito da Freguesia de Humildes – BA, que fazia parte da Comarca de Feira de Santana, datado de 15 de maio de 1900.

Escrito em dezessete fôlios de papel almaço (pautado), medindo 325 mm X 230 mm, com 33 linhas, sem numeração, em tinta preta, em letra cursiva, em duas colunas, das quais a mais larga é destinada para o texto e a outra para os valores em números, no reto, à direita, e no verso, à esquerda.

O fôlio 8r apresenta algumas partes danificadas pelas ações do tempo e pelas traças, a saber: papel dividido ao meio, porém, ao serem juntadas as duas partes, pode-se fazer a leitura do documento sem dificuldades; também está rasgado na margem direita, na parte central, este rasgado apresenta as seguintes dimensões: 45 mm X 22 mm; possui, ainda, três pequenos furos na margem direita, sendo um na parte superior do fôlio e dois ao meio. O fôlio 9r, por sua vez, também se encontra rasgado

na parte superior direita e na parte central, esta danificação possui as seguintes medidas: 55 mm X 70 mm e 60 mm X 38 mm, respectivamente.

Além disso, foram escritos nove fólios no reto e no verso. A partir do décimo fólio só há escrita no reto, no entanto, o documento apresenta a ausência de um de seus fólios, referente a mais um dos recibos de pagamento destinado a um dos herdeiros citados no documento, o qual comporia o décimo oitavo fólio e que tornaria o documento composto por dezoito e não apenas dezessete fólios como o é atualmente.

Até o décimo fólio, no reto, consta no ângulo superior esquerdo um selo do Estado da Bahia no valor de duzentos réis, já impresso no papel. No primeiro fólio, reto, há inscrições feitas por terceiros em tinta vermelha e azul, com o seguinte teor: “1900” na margem superior em vermelho; “1900” na margem esquerda no sentido vertical em azul; letra “y” na margem esquerda abaixo do selo; na margem esquerda também no sentido vertical em tinta vermelha a palavra “junto”.

A partir do décimo fólio, escrito apenas no reto, consta um selo estadual no centro do papel com as inscrições “Estado da Bahia” e “Brazil”. É um tipo de papel timbrado, medindo 318 mm X 142 mm, mancha escrita com as seguintes medidas: 305 mm X 142 mm em todos os sete fólios. Além disso, por ser um recibo de pagamento, apresenta partes da mancha escrita datiloscritas, as quais estão em negrito na edição semidiplomática feita, e partes manuscritas, pois no próprio documento existem espaços reservados para o preenchimento dos dados referentes às quantias e aos envolvidos no processo.

Esse auto de partilha também apresenta algumas abreviaturas, como: Ill^{mo} (Ilustríssimo), Sr (Senhor), D^r (Doutor), Cap^m (Capitão), VSa (Vossa Senhoria), E. (Escrivão) e D (Dona), sendo esta última a que mais aparece ao longo do texto. Ao todo, estão presentes neste documento 27 abreviaturas, sendo devidamente desdobradas. Há também o uso do *ão* para representar *am*. Foram preservadas as grafias originais, apesar de ser um documento antigo, este tem caligrafia legível e está em razoável estado de conservação.

3.2. Edição dos documentos

Fólio 2v do Auto de Partilha de Lourenço Correia de Miranda (APLCM)

	204\$500	Transporte
	1\$000	Hum banco em bom uzo avaliado por um mil reis
5	2\$000	Huma espingarda velha avaliada por doi[s] mil reis
	25\$000	Huma fonte de beber na Fazenda Maria preta avaliada por vinte cinco mil reis
10	60\$000	Gados vaccum e cavallos Duas vaccas avaliadas a trinta mil reis sessenta mil reis
	40\$000	Duas novilhas avaliadas a vinte mil reis cada uma faz quarenta mil reis
	60\$000	Hum cavallo castanho de segunda muda valido por sessenta mil reis
15	50\$000	Hum dito preto de primeira muda avaliado por cincoenta mil reis
	30\$000	Hum dito castanho já velho avaliado por trinta mil reis
20	30\$000	Hum poutro sem muda avaliado por trinta mil reis
	40\$000	Uma bêsta rúça queimada de segunda muda avaliada por quarenta mil reis
	40\$000	Huma dita preta ruzilha de primeira muda avaliada por quarenta mil reis
25	30\$000	Huma dita melada já egoal de mudas avaliada por trinta mil reis
	615\$500	
30		E por esta forma houvera por finda as avaliações e por estarem todos os herdeiros satisfeitos mandaraõ lavar este termo em que se assignaraõ com os avaliadores e eu Escrivaõ nomiado que escrevi e assignei. Jorge Martins Ferreira da Silva
35		A rogo de Ignasia Maria de <i>Santa</i> Anna Bento Manoel de Carvalho

Fólio 3v do Auto de Partilha de Archimimo Alves de Amorim (APAA)

	550\$000	A caza que serve para estribaria e uns vãos contiguos a mesma estribaria, avaliado todos por quinhentos e cincoenta mil reis.	f.3v
5		Tres telheiros situados a margem do Rio Subaé, nos terrenos da mesma fazenda, com todos seus accessorios de trabalhos de telhas e tijolos, avaliados tudo por quatrocentos mil reis.	
	400\$000		

10	170\$000	Tres cazinhas ocupadas por rendeiros, avaliados todas por sento e setenta mil r[e]is. Os muros, vaillados, Cercas e Cancellas existentes na mesma fazenda, tudo avaliados, por quinhentos e vinte e cinco mil reis.
15	525\$000	Moveis Toda mobilia e mais trastes existentes na caza, avaliados tudo por quinhentos mil reis.
	500\$000	Um carro velho com seus Utencilios, avaliado por sento e vinte mil reis.
20	120\$000	Dez rezes Vacum, avaliadas todas por quinhentos e oitenta mil reis.
	580\$000	Um Cavallo ja velho, avaliado por vinte e cinco mil reis.
25	25\$000	Um jumento já velho, avaliado, por trinta e cinco mil reis.
	35\$000	
		Bens de Raiz
30	2:000\$000	Os terrenos da Fazenda Boavista por suas divizões conhecidas, avali[a]das por dois contos de reis.
	600\$000	A caza de morada da mesma fazenda, avali[a]da por seiscentos mil reis.

4. O léxico

Observemos o que diz a Bíblia: “No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite” (*Gênesis*, 1:1-5). Assim, podemos concluir que a partir da criação das coisas e do homem pelas mãos de Deus, o ser humano passou a sentir a necessidade de se comunicar com os outros e, para isso, tornou-se indispensável a nomeação de tudo o que existe à sua volta. Desde então passou a existir uma relação direta entre “nome e coisa nomeada”, ou como disse Saussure (1970, p. 80), o signo linguístico é como uma entidade de duas faces, que “[...] não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica [...]”, ou seja, o signo linguístico sendo constituído de duas partes: o significado, representado pelo seu equivalente no mundo exterior, e o significante, que é a ideia ou noção que elaboramos em nossa mente do objeto representado.

A partir dessa ideia, podemos observar que a nomeação em uma dada língua se dá de maneira arbitrária, visto que o próprio signo linguístico é constituído de arbitrariedades, no sentido de que não existem critérios específicos, lógicos para se nomear as coisas.

Dessa forma, podemos notar que através das nomeações que vão sendo feitas e refeitas ao longo do tempo, a língua acaba se constituindo como uma unidade viva que está em incessante evolução. Sendo as línguas como “organismos vivos” que surgem, se expandem, evoluem e se transformam constantemente, é lógico que elas, assim como os organismos, possuem o seu próprio “DNA”, que nesse caso é o léxico, que funciona como a identidade, ou seja, como as características pessoais de cada língua, podendo ser passadas ao longo do tempo para outras. Assim, para Biderman (1998, p. 11), a “[...] geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras [...].”

A partir disso, podemos dizer que “[...] estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias [...]” (ABBADE, 2006, p. 213). Assim, é indispensável que a cultura lexical seja conservada e isto será feito através do estudo, da descrição e da análise de lexias pertencentes, neste caso, ao vocabulário rural de duas localidades baianas.

Ainda em relação ao léxico Santos (2009, p. 11) diz que

[...] deve-se estudar o léxico de uma língua, levando em conta o fato de ser a linguagem um fato social por excelência e, desse modo, resultante dos contatos sociais que se estabelecem ao longo do tempo e reveladora dos hábitos, costumes, enfim, do *modus vivendi*, dos aspectos sociais e culturais, de uma dada comunidade, dos povos, de modo geral.

Com isso, estudar a língua através do léxico constante nos documentos cíveis é uma das formas que se tem de conhecer a cultura local e o nível de conhecimento pertencente àquele determinado grupo social, incluindo a própria linguagem utilizada por aquele.

Portanto, será apresentado neste trabalho um estudo lexicológico do vocabulário rural presente em dois autos de partilha dos séculos XIX e XX, o qual terá como ponto de partida o elencamento das lexias em um único macrocampo: A Fazenda, que foi dividido em cinco microcampos, a saber, dos “instrumentos de trabalho”, dos “animais da fazenda”, dos “objetos da casa e outros”, das “casas várias” e dos “arredores da fazenda”.

da”. Cada auto será apresentado com as suas devidas siglas: APAAA referente ao Auto de Partilha de Archimimo Alves de Amorim e APLCM para o Auto de Partilha de Lourenço Correia de Miranda, a fim de se especificar o documento em que cada lexia foi encontrada.

4.1. Macrocampo da fazenda

4.1.1. Microcampo: Instrumentos de Trabalho

BULANDEIRA – S.f. Que aciona o rodete de ralar mandioca.

Contexto: “[...]Uma caza que serve para se fazer fari-/ nha com seus acessórios constando de **Bu-/ landeira**, Prença, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

CÔXO – Adj. Local onde se coloca a massa da mandioca para ser peneirada.

Contexto: “[...]Uma caza que serve para se fazer fari-/ nha com seus acessórios constando de Bu-/ landeira, Prença, forno e **côxos**, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

PRENÇA – S.f. Instrumento manual ou mecânico destinado a comprimir ou achatar uma coisa entre as suas placas ou outras peças apropriadas.

Contexto: “[...]Uma caza que serve para se fazer fari-/ nha com seus acessórios constando de Bu-/ landeira, **Prença**, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

RÓDA DE RALAR MANDIOCA – Loc. Adj. Roda dentada, que tem filetes em toda a sua circunferência, à semelhança de dentes que roe, tritura a raiz de mandioca.

Contexto: “[...] Huma **róda de ralar mandioca** avaliada/ por cinco mil reis [...]” (APLCM, f. 2r, l. 31-32)

SELLA GINETE – Loc. Adj. Arreio de cavalgadura, que constitui assento sobre o qual monta o vaqueiro do sertão.

Contexto: “[...] Huma **sella ginete** velha avaliada/ por um mil reis [...]” (APLCM, f. 2r, l.27-28)

SELLA VELHA – Loc. Adj. Arreio de cavalgadura, que constitui assento sobre o qual monta o vaqueiro do sertão e que se encontra em estado antigo.

Contexto: “[...] Dexaõ=lhe uma **sella velha** por um mil reis [...]” (ALCM, f. 4v, l. 16)

4.1.2. *Microcampo: Animais da Fazenda*

BÊSTA MELADA – Loc. Adj. Quadrúpede, principalmente de grande porte, da cor do mel; diz-se de animal dessa cor.

Contexto: “[...]Dexaõ=lhe uma **bêsta melada** por trin-/ ta mil reis [...]” (APLCM, fl.7r, l.23-25)

BÊSTA RÚÇA QUEIMADA – Loc. Adj. Um cavalo novo até aos quatro anos, o qual está com a cor parda; castanho claro avermelhado pela ação do sol.

Contexto: “[...]Uma **bêsta rúça queimada** de segun– [...]”(APLCM, f. 2v, l.21)

CAVALLO CASTANHO – Loc. Adj. Animal mamífero, perissodáctilo, hipoformo, do gênero *Equus*, o qual tem a cor da castanha clara.

Contexto: “[...]Hum **cavallo castanho** de segunda muda [...]” (APLCM, f. 2v, l. 13)

CAVALLO PRÊTO– Loc. Adj. Animal mamífero, perissodáctilo, hipoformo, do gênero *Equus*, o qual tem a cor mais sombria de todas as cores; da cor do ébano; do carvão.

Contexto: “[...] Dexaõ=lhe um **cavallo prêto** de primei-/ ra múda por cinco mil reis [...]” (APLCM, f. 6v, l.18-19)

NOVILHA – Loc. Adj. Vaca nova; bezerra.

Contexto: “[...]Duas **novilhas** avaliadas a vinte mil reis [...]” (APLCM, f. 2v, l.11)

POUTRO SEM MUDA – Loc. Adj. Um cavalo novo até aos quatro anos, o qual não teve a renovação do pelo ou da pele.

Contexto: “[...]Hum **poutro sem muda** avaliado por [...]” (APLCM, f. 2v, l.19)

REZ VACUM – Loc. Adj. Quadrúpede usado na alimentação humana, pertencente à espécie das vacas, bois e novilhos.

Contexto: “[...]Dez **rezes Vacum**, avaliadas todas por [...]” (APAAA, f. 3v, l.21)

4.1.3. *Microcampo: Objetos da Casa e Outros*

BANCO – S.m. Assento, com encosto ou sem ele, de formas variadas, rústico ou não, feito de madeira, ferro, pedra, concreto, etc, usado, sobretudo, em salas de espera.

Contexto: “[...]Hum **banco** em bom uzo avaliado por [...]” (APLCM, f. 2v, l.2)

ESPINGARDA VELHA – Loc. Adj. Arma de fogo, portátil, de cano longo antiga.

Contexto: “[...]Huma **espingarda velha** avaliada por doi[s] [...]” (APLCM, f. 2v, l.4)

MESA – S.f. Móvel, comumente de madeira, sobre o qual se come, escreve, trabalha, joga, etc.

Contexto: “[...] Huma **mesa** velha avaliada por um/ mil reis [...]” (APLCM, f.2r, l.29-30)

MOBILIA – S.f. Objeto móvel para uso ou adorno interior de uma casa ou ambiente; imobiliário.

Contexto: “[...]Toda **mobilia** e mais trastes existentes/ na caza, avaliados tudo por quinhem-/ tos mil reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.16-18)

TRASTE – Loc. Adj. Móvel caseiro; alfaia; móvel ou utensílio velho de escasso ou nenhum valor que existe na casa.

Contexto: “[...]Toda mobilia e mais **trastes** existentes/ na caza, avaliados tudo por quinhem-/ tos mil reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.16-18)

4.1.4. *Microcampo: Casas Várias*

CASA CONTIGUA – Loc. Adj. Habitação que está em contato ou unida a uma vizinha.

Contexto: “[...]Uma **caza contigua** a caza de morada [...]” (APAAA, f. 3r, l.26)

CASA DE ESTRIBARIA – Loc. Adj. Habitação que serve para se recolher bestas e arreios.

Contexto: “[A **caza que serve para estribaria** e uns vãos/ contiguos a mesma estribaria, avaliado [...]” (APAAA, f. 3v, l. 1-2)

CASA DE FAZER FARINHA – Loc. Adj. Telheiro ou abrigo destinado ao preparo de farinha de mandioca.

Contexto: “[...]Uma **caza que serve para se fazer fari-/ nha** com seus acessórios constando de Bu-/ landeira, Prensa, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

CASA DE MORADA – Loc. Adj. Lugar onde se mora ou habita; moradia, habitação.

Contexto: “[...]A **caza de morada** da mesma fazenda , a-/ validada por um conto e quinhentos mil re- [...]” (APAAA, f. 3r, l.23-24)

CASA DE RENDEIROS – Loc. Adj. Local onde vive aquele que arrenda propriedades rústicas, censuário.

Contexto: “[...]Tres **cazinhas ocupadas por rendeiros** [...]” (APAAA, f. 3v, l.9)

CASA DE SECAR FUMO – Loc. Adj. Local onde se põe para murchar; secar folhas de tabaco.

Contexto: “[...]Dirão-lhe a **caza de secar fumo** [...]” (APAAA, f. 6r, l.20)

4.1.5. Microcampo: Arredores da Fazenda

CANCELLA – S.f. Porta gradeada, em geral de madeira e de pequena altura; porteira.

Contexto: “[...]Os muros, vallados, Cercas e **Cancellas/** existentes na mesma fazenda, tudo avali-/ ados, por quinhentos e vinte e cinco mil/ reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.11-14)

CERCA – S.f. Muro, sebe ou valado com que se circunda e fecha um terreno.

Contexto: “[...]Os muros, vallados, **Cercas** e Cancellas/ existentes na mesma fazenda, tudo avali-/ ados, por quinhentos e vinte e cinco mil/ reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.11-14)

FONTE DE BEBER – Loc. Adj. Nascente de água; bica de onde corre água potável para uso doméstico.

Contexto: “[...]Huma **fonte de beber** na Fazenda Maria [...]” (APLCM, f. 2v, l.6)

MURO – S.m. Parede forte que circunda um recinto ou separa um lugar do outro.

Contexto: “[...]Os **muros**, vaillados, Cercas e Cancellas/ existentes na mesma fazenda, tudo avali-/ ados, por quinhentos e vinte e cinco mil/ reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.11-14)

5. *Considerações finais*

A edição de documentos cíveis é um dos instrumentos que possibilita a sua conservação, porque evita o seu manuseio, facilitando a leitura dos mesmos por pesquisadores de diversas áreas do saber, além de trazer à tona informações de valor inestimável sobre a sociedade de então, com isso também se pode fazer a leitura daqueles a partir da edição semidiplomática.

Além disso, fazer um estudo lexicológico acerca do vocabulário rural das localidades baianas, Riachão do Jacuípe e Humildes, é de fundamental importância não só para a conservação da memória cultural como também do resgate linguístico destes povos, ou melhor, estudar de forma sistematizada as lexias pertencentes a esse universo nos possibilita, até mesmo, incorporar e ampliar no nosso vocabulário determinadas lexias que não conhecemos ou que não estão tão vivas em nosso cotidiano linguístico.

Além do mais, esse estudo pode nos permitir um aumento significativo do nosso conhecimento de mundo e do nosso acervo lexical, visto que nos possibilitam conhecer o *modus vivendi* de outras culturas, resgatando, mesmo que de forma consciente ou não, a história, hoje adormecida, dos povos que as utiliza ou utilizavam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMT, 2001, p. 13-22.

DUBOIS, Jean *et all.* *Dicionário de linguística*. Direção e coordenação geral da tradução por Prof. Dr. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

HOLANDA, Aurélio Ferreira Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Introdução metodológica. In: _____. (Org.). *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007, p. 23-34.

_____. Preservar a memória baiana: a edição de documentos manuscritos dos séculos XVIII ao XX. *Scripta Philologica*, Feira de Santana: UEFS, Departamento de Letras, n. 2, p. 1-15, 2006.

SANTOS, Rosa Borges dos. Léxico e cultura. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). *Língua, cultura e sociedade*: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, p. 11.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.